

## CONVITE À POESIA

Profª. Ms. Adriana A. Cossentini Campos

Profª. Ms. Maria José Tafner Pace

### Introdução

A poesia é a fala da alma, do sentimento. Sensibiliza qualquer ser humano. Portanto, precisa ser cultivada.

Mesmo sabendo da importância da poesia na vida das pessoas, muitas escolas esqueceram-na dando espaço para textos em prosa e privando os alunos dessa “experiência inigualável”, conforme caracteriza Maria Helena Z. Frantz (1998, p.80).

Diante desse fato, elaboramos um projeto colaborativo entre professores do curso de Letras e Pedagogia voltado para a formação do professor da rede pública e particular do Estado de São Paulo, no município de Amparo.

Privilegiou-se uma investigação sobre quais conhecimentos os professores do ensino fundamental revelam quando debatem a respeito de práticas de leitura e reflexões investigativas com textos poéticos, quando elaboram atividades para seus alunos e quando os colocam em prática em sala de aula.

Na primeira etapa da pesquisa – *O uso do texto poético na escola*, foi feito um diagnóstico do modo como os textos poéticos são lidos e trabalhados nas escolas do ensino fundamental.

O trabalho de pesquisa foi realizado em parte e está registrado nos anexos e relatórios parciais analisados pelas professoras pesquisadoras.

Uma das principais conclusões a que se chegou mediante as observações é que textos poéticos utilizados nas escolas observadas, na maioria das vezes, são trabalhados segundo sugestões dos manuais didáticos. Os exercícios que a eles se aplicam são quase idênticos, o que muitas vezes leva alunos e professores a leituras limitadas, pouco críticas e criativas limitando o conhecimento da realidade tematizada. O trabalho com a literatura se limita a traçar panoramas de tendências e escolas literárias, de modo esquemático, não conectado com um trabalho analítico e interpretativo.

A leitura dos dados observados na fase empírica da pesquisa orientará o trabalho de seleção, análise e interpretação dos textos poéticos. Não em forma de receita e fórmulas que resolvam todas as dificuldades comuns nos trabalhos com textos poéticos em sala de aula, mas com sugestão de possibilidades de variedade de trabalho. Nossa proposta não deve ser recebida como um modelo a ser seguido, mas como pistas de leitores que se dedicaram à leitura na escola. Nosso objetivo é que o professor possa, como leitor mais experiente, ser um verdadeiro mediador entre o texto e os alunos.

### **Leitura: um problema**

Ler é essencial. A área da leitura ocupa um lugar de destaque no encadeamento da aprendizagem. Resultado da alfabetização, sua prática ocupa toda carreira escolar do discente, uma vez que não é reduto exclusivo da disciplina de Língua Portuguesa. Com efeito, a leitura, se é estimulada e exercitada com maior atenção pelos professores de língua e literatura, intervém em todos os setores intelectuais, repercutindo na organização formal do raciocínio e expressão.

A prática da leitura é muito importante, uma vez que os conhecimentos propostos pelas escolas são veiculados, principalmente, por meio da linguagem verbal escrita. A instituição escolar diferencia-se da família e das demais instituições sociais por realizar um trabalho educacional sistemático, isto é, planejado e organizado sobre bases científicas. Os fins da Educação visam ao desenvolvimento integral do indivíduo para que ele se torne um ser atuante no grupo social em que vive. É necessário que o aluno entre em contato com os bens culturais, entre os quais aqueles conservados através da linguagem escrita. A aprendizagem da leitura é fundamental, portanto, para a integração do indivíduo no seu contexto sócio-econômico e cultural. O ato de ler abre novas perspectivas ao aluno, permitindo-lhe posicionar-se criticamente diante da realidade.

Em que pese a sua visível importância na vida dos estudantes, nem sempre recebe a devida atenção por parte dos professores, gerando frustração e desgosto no cotidiano das salas de aula. Sem dúvida, há também vários determinantes extra-escolares que afetam um maior gosto pela leitura.

A leitura é fundamental para a integração do indivíduo no contexto social e cultural. O ato de ler abre novos horizontes e possibilita o posicionamento crítico diante da realidade, principalmente num momento em que se percebe que o mundo atual exige seres pensantes, criativos, reflexivos.

Assim é que a escola, responsável em grande parte pela formação dos jovens, deve incentivar cada vez mais essa prática.

### **A leitura de poesias**

Poesia virou mito em nossas salas de aula. De modo geral, observamos resistências na escola em ler, interpretar, criar e recriar poemas. Poesia nos remete ao passado, coisa de nossos avós que declamavam para as visitas ou recitavam versos nas aulas de língua portuguesa.

A poesia reclama seu espaço e sua vez nesse mundo conturbado. Várias são as iniciativas de professores que recuperaram o prazer da leitura poética, a degustação de palavras combinadas, a viagem na fantasia das imagens, o fôlego da mesmice. Contudo o que se verifica é a necessidade de romper o preconceito de que é difícil trabalhar com poesia.

Infelizmente, para muitos alunos o primeiro e último contato com a poesia é na escola. Dessa forma, o professor é o responsável pela tarefa de criar o gosto ou o desgosto pela poesia. Há educadores, especialmente os que trabalham com Língua Portuguesa, que preferem utilizar o tempo em sala de aula para trabalhar a gramática, ensinando a medir as sílabas, grifar os substantivos do poema e a circular os verbos, etc. Esse modo de agir pode limitar ou enfraquecer a imaginação, a criatividade dos alunos.

O que se percebe é que não é somente necessário apresentar textos de qualidade, mas somar outros elementos a essa aproximação, como o entusiasmo do professor ou mediador. Segundo Banberger, *“Está claro que a personalidade do professor e particularmente, seus hábitos de leitura são importantíssimos para desenvolver os interesses e hábitos de leitura nas crianças, sua própria educação também contribui de forma essencial para a influência que ele exerce.”* Contudo, vale acrescentar que, se o professor não tiver o hábito de ler poemas e não se sensibilizar ao ler poesias,

provavelmente não conseguirá despertar o interesse de seus alunos. Nesse sentido, vale citar Cunha “*se o professor não se sensibilizar com o poema, dificilmente conseguirá emocionar seus alunos.*”

Considerando que a poesia é um dos gêneros literários mais distantes da sala de aula, é necessário descobrir formas de familiarizar e de aproximar os jovens desse tipo de texto. E essa forma de familiarização e aproximação deve ser feita com parcimônia e através de um planejamento para evitar as várias afirmações de que os poemas são de difíceis interpretações e entendimento.

Para Pinheiro “*a leitura do texto poético tem peculiaridades e carece, portanto, de mais cuidados do que o texto em prosa.*”. Assim, a poesia não é de difícil interpretação, apenas necessita de mais cuidado e atenção para que ocorra um entendimento da mesma. A aprendizagem da interpretação da poesia compreende o desenvolvimento de coordenar conhecimentos dos vários sentidos que um texto poético proporciona.

Para abrandar os problemas do distanciamento, de interpretação e de compreensão poética, é necessário que o professor considere que o ato de interpretar uma poesia não se restringe a analisar a sua forma de apresentação, ou seja, como ocorre a disposição das palavras, dos versos, das rimas e das estrofes, e nem somente pelos questionamentos apresentados nas atividades de interpretação propostas pelos livros didáticos, pois as perguntas são impressionistas. Assim afirma Micheletti, “*Freqüentemente a interpretação textual dadas nos livros e materiais afins tem um caráter ‘impressionista’, ou seja, o autor das questões propostas ou dos comentários, registra as suas intuições, as suas impressões sobre o texto.*”

### **Busca de significado**

O poema é considerado por muitos professores e alunos como de difícil interpretação.

Há várias causas que precisam ser repensadas. É comum ouvirmos que a interpretação é livre. Ela é livre desde que se respeitem os limites expostos pelo próprio texto. Deve-se criar o hábito de análise. Devem-se relacionar os elementos encontrados no texto em busca de significação e não apenas registrar as impressões sobre o texto.

Outro aspecto a ser observado é o modo como muitos livros didáticos abordam o poema. Os questionários propostos para compreensão e interpretação dos textos, muitas vezes, solicitam apenas a identificação de dados referenciais, deixando de lado a expressividade dos componentes textuais.

O contexto em que aparece o poema em sala de aula é outra causa a ser observada: nas séries iniciais, o poema é pretexto para memorização gráfica de alguns fonemas e de atitudes valorizadas pela escola e pela sociedade e, nas séries finais, com enfoque sempre voltado ao estudo das escolas literárias.

Entretanto, o texto poético pode oferecer ao leitor possibilidades para pensar a língua e sua carga expressiva porque um bom texto traz informações que conduzem a uma reflexão mais ampla envolvendo desde as questões existenciais até o posicionamento do leitor em seu contexto social.

## CONTEXTUALIZAÇÃO

A pesquisa colaborativa entre os professores dos Cursos de Letras e Pedagogia do Centro Universitário Amparense envolveu professores e alunos da rede pública do Estado de São Paulo, particularmente da cidade de Amparo.

Durante todo o processo foram entrevistados 1166 alunos e 20 professores de Língua Portuguesa do Ciclo II do Ensino Fundamental.

Há que se registrar algumas dificuldades encontradas durante o percurso metodológico, principalmente no tocante às entrevistas realizadas com os docentes. Talvez o período escolhido para a coleta de dados, mês de setembro, época coincidente com as provas bimestrais, conselho de classe, entre as inúmeras atividades pedagógicas que fazem parte do dia-a-dia do professor, tenha sido um obstáculo para essa etapa da pesquisa.

Por outro lado, o contato com os alunos em sala de aula foi um momento bastante significativo que enriqueceu nosso trabalho de pesquisa. Por meio desse contato pudemos constatar a realidade de leitura e o verdadeiro interesse pela poesia.

## A PESQUISA

### OS ALUNOS

Apresentaremos os resultados obtidos nas entrevistas realizadas com os discentes por meio de gráficos.

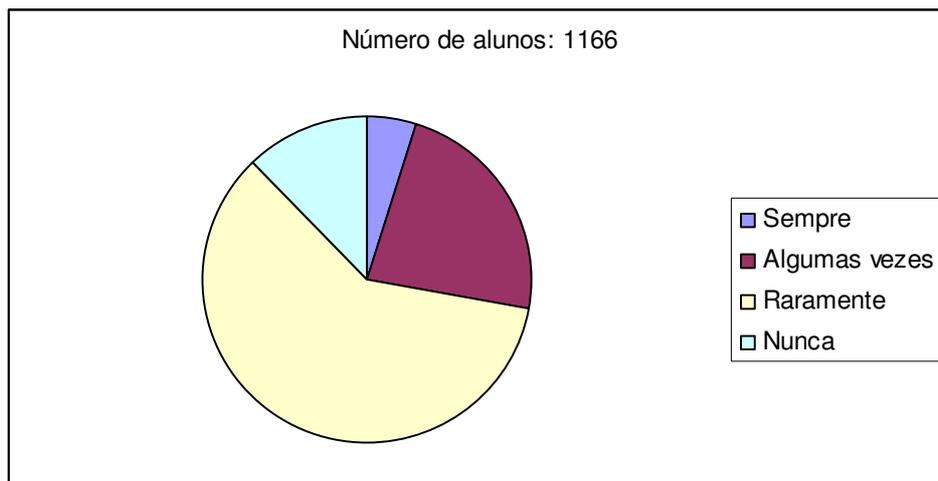
#### 1) Você gosta de poesia?



#### 2) Você lê poesia?



### 3) Com que frequência?



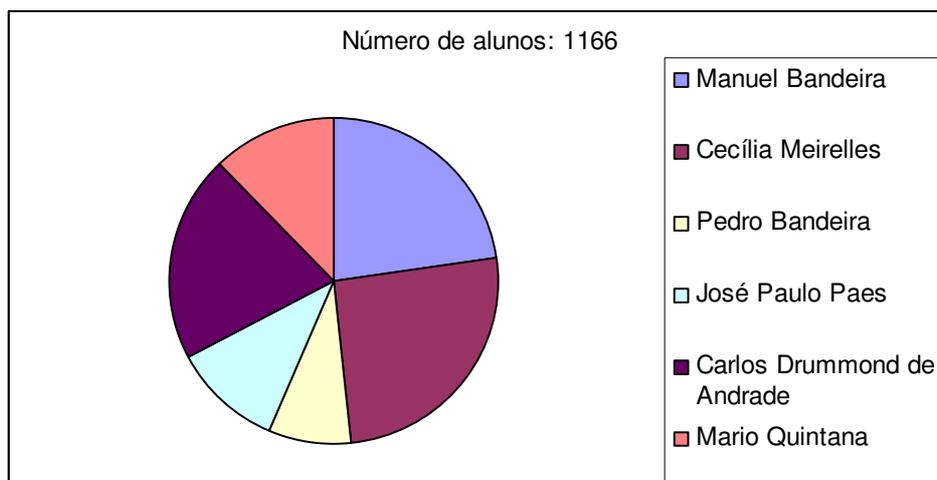
### 4) Você teve contato com a literatura na educação infantil e nas séries iniciais?



**5) O professor de Língua Portuguesa trabalha com poesias?**



**6) Que poeta você costuma ler?**



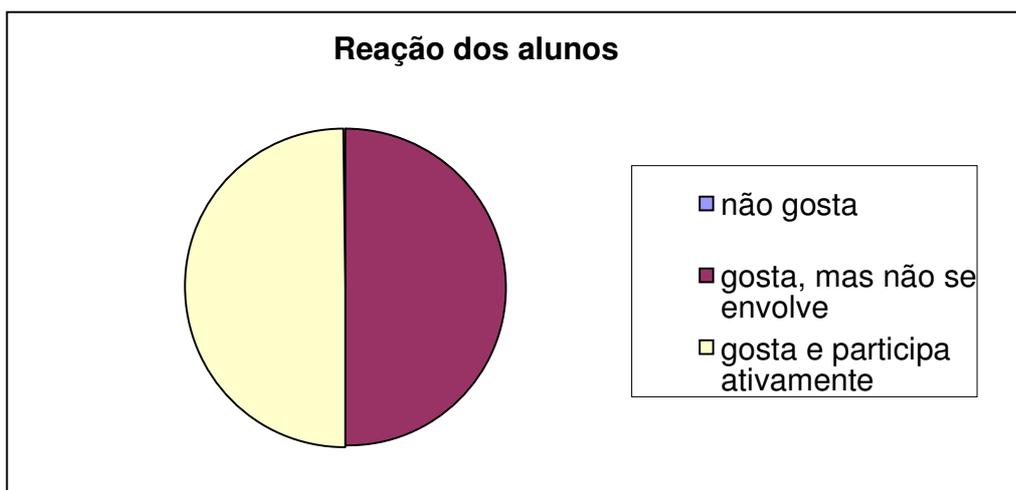
## OS PROFESSORES

Os docentes entrevistados têm, em média, 20 anos dedicados ao ensino em escola pública. Durante o diálogo, foram questionados a respeito da utilização de texto poético nas atividades em sala de aula. Os resultados tabulados estão apresentados abaixo:

### 1) Informe o nível de utilização de texto poético:



**2) Se já utiliza, informe a reação de seus alunos ao utilizar texto poético:**



Durante os relatos das atividades bem sucedidas com textos poéticos em sala de aula, a maioria dos professores entrevistados apontou a elaboração poemas cinéticos, construção e acrósticos, intertextualidade com música, rima, métrica, figuras de linguagem, sentido denotativo e conotativo, antônimos e sinônimos, sílabas átonas e tônicas, versos, estrofes, mudança de tempo verbal, identificação das características literárias, varal de poesias e texto poético x desenho.

Apenas dois docentes afirmaram trabalhar com exploração, análise, interpretação e compreensão do tema abordado pelo poeta. Os mesmos trabalham, também, com a reformulação do texto.

## REVENDO A PRÁTICA PEDAGÓGICA

Tendo em vista todos os dados coletados e analisados durante a pesquisa, podemos afirmar que os textos poéticos fazem parte do gosto dos alunos, pois a fala dos mesmos durante a entrevista deixou evidente a falta que sentem da aula de leitura, momento esse que era dedicado ao trabalho com textos poéticos, dentre outros.

Chamou-nos a atenção a colocação de vários alunos do 6º e 7º ano. Segundo eles, é uma pena que “*o material do governo não tem poesia*”. Considerando que a poesia é porta de entrada para a literatura, torna-se indispensável o trabalho contínuo, já nas primeiras séries do Ciclo II do Ensino Fundamental, com textos poéticos.

Contudo, para o trabalho contínuo com textos poético deve-se considerar o seguinte: quando se lê um poema, percebe-se de imediato que ele contém beleza, no entanto são as várias leituras que permitem a descoberta de suas diversas significações. Os vários níveis de construção do texto auxiliam o leitor na descoberta das novas significações. A composição gráfica, o ritmo, o léxico, a construção sintática oferecem pistas para ampliar a significação. É a soma de todas as partes que revela a visão de mundo do poeta e de sua época.

Pelos dados coletados, relativos ao trabalho do professor, observa-se uma preocupação excessiva com a forma, a estrutura, as características literárias - dados referenciais; deixando de lado a abordagem da significação, do conteúdo, da mensagem e da leitura do mundo.

Para diminuir as falhas de interpretação e de compreensão poética, é necessário que o professor compreenda que o ato de interpretar uma poesia não pode ficar limitado a sua estrutura formal, sua apresentação sobre uma página, ou seja, a disposição das palavras, dos versos, das rimas e das estrofes. Cabe ressaltar que, geralmente, os questionamentos apresentados nas atividades de interpretação propostas são impressionistas. Como afirma Micheletti (2001, p. 22):

*“Freqüentemente a interpretação textual dada nos livros e materiais afins tem um caráter ‘impressionista’, ou seja, o autor das questões propostas ou dos comentários, registram as suas intuições, as suas impressões sobre o texto.”*

É necessário ressaltar que o professor deve partir de uma leitura poética do espaço que os cerca, fazendo da poesia motivo para o diálogo entre o passado e o presente, sempre estimulando a sensibilidade do aluno para a poesia presente em nossa realidade.

### **A POESIA NA SALA DE AULA**

Quando se lê um poema percebe-se que ele contém beleza. Dificilmente se nota, de imediato a elaboração existente no interior do texto. Dependendo das nossas experiências, muitas palavras podem ter sentidos opostos. Pensemos na palavra lar, por exemplo, para quem é feliz ela denota aconchego, ternura, cantiga de ninar, já para um menino de rua a mesma palavra não provoca o mesmo sentido, as mesmas sensações. As palavras isoladas não têm a força das palavras que se juntam para formar um poema.

Para se descobrir suas diversas significações é necessário ler o poema várias vezes, de diferentes maneiras. Talvez isso fique mais claro a partir de um exemplo:

#### **Salvas 289**

Sobe o café – um sucesso!  
Grande jubilo; que alegria;  
Vae a Republica em progresso;  
Há dinheiro - que folia!

O goso é sempre fugaz;

Vem o mal, vêm pesares;  
 O cholera ahi vem, tenaz,  
 Sulcando as ondas, os mares.

Salvador Junior (22/10/1910)

O Diário

À primeira leitura o poema Salvas 289 revela uma pincelada a respeito da cultura cafeeira: na primeira estrofe temos o campo lexical: *café, república, progresso, dinheiro*, que conota a época áurea da produção cafeeira. Já o léxico da segunda estrofe: *goso, fugaz, mal, pesares, cholera* sugere um momento de crise.

Pode-se ampliar essa primeira leitura verificando os vários níveis de construção do texto:

### **Composição Gráfica**

Comece por notar a distribuição dos versos do poema; primeiro um grupo de quatro versos, a primeira estrofe. A seguir, um conjunto de quatro versos, a segunda estrofe. A composição gráfica do poema indica duas partes semelhantes.

### **O ritmo do poema**

Releia o poema em voz alta, procurando perceber seu ritmo. As linhas têm todas o mesmo tamanho. Há sons que correspondem como ecos: *sucesso/progresso; alegria/folia; fugaz/tenaz; pesares/mares*. Observe como a cadência rítmica se alterna entre sílabas fortes e fracas.

### **O léxico e sintaxe do poema**

Observe as palavras que compõem o poema e o modo como elas se organizam. O léxico se constitui de palavras simples, em sua maioria substantivos conhecidos pelo leitor. A única palavra que destoa desse conjunto é o substantivo *cholera*, que é um termo aplicado a quatro diferentes tipos de doenças infecciosas que, geralmente, são fatais. Há que ressaltar a importância do diferente termo *cholera* diante das demais palavras

conhecidas, pois ela irá apoiar a intenção do autor que é registrar os pesares do momento da crise do café, na virada do século XIX para o XX.

O poema é rico quanto à pontuação: exclamação, ponto e vírgula, dois pontos, vírgula e ponto final. Essa pontuação se justifica, na primeira estrofe, por meio do emprego do ponto de exclamação, denotando o sentimento de alegria, de contentamento. Na segunda estrofe, a vírgula e o ponto e vírgula reforça a angustia interior. Há uma “quebra” no ritmo entusiasmado que predominava na primeira estrofe.

Atente para a ortografia das palavras: *vae, goso e ahi* que sofreram modificações após a mudança ortográfica de 1945. Tal observação reforça o momento histórico retratado no poema.

### **Aspecto semântico**

Os vários níveis de construção do texto: composição gráfica, o ritmo, o léxico e a construção sintática oferecem pistas que ampliam a significação e enriquecem o aspecto semântico. A composição gráfica mostra duas partes. Retomando tudo o que foi observado anteriormente, permite que se faça a interpretação do poema ampliando sua significação.

### **Interpretação**

O poema, publicado no jornal O Diário, relata, na primeira estrofe, o sucesso do café, produto predominante na lavoura da região de Amparo.

Como afirma Lima,<sup>1</sup> o café tornou-se significativo para Amparo na década de 1850. Ocasão em que muitos fazendeiros que eram proprietários em Campinas adquiriram terras em Amparo e, num trabalho pioneiro, em regime de parceria, com colonos Suíços e Alemães deram grande impulso à zona urbana.

Na primeira estrofe, o verbo “subir” que acompanha a palavra café, seguida da palavra sucesso com ponto de exclamação, sugere um ambiente de satisfação com a economia reinante no período da República.

Na última estrofe, o poeta assinala um momento de crise, de “pesares”, anuncia a chegada da “cholera”, termo aplicado a quatro diferentes tipos de doenças infecciosas que

---

<sup>1</sup> LIMA, Roberto Pastana Teixeira. Conto, canto e encanto com minha história... Amparo Flor da Montanha, p.42.

geralmente são fatais. É o registro da crise da superprodução do café na virada do século XIX para o XX. Período em que, embora se encontrassem perspectivas de desenvolvimento arquitetural da cidade, surgia um período de estagnação.

Após tanta satisfação expressada, a utilização dos opostos no poema - “alegria” / “pesares”; “Vae” / “Vem”; comprova as transformações sofridas pela sociedade brasileira por ocasião do declínio do café.

### **Outros caminhos**

A sugestão da análise desse poema apenas aponta alguns dos possíveis caminhos, pois a interpretação ideal seria aquela obtida pelo conjunto de todos os leitores de um mesmo texto, mesmo assim a riqueza das significações escondidas nos poemas justifica as várias leituras e interpretações.

Sugerimos, ainda, o trabalho com a intertextualidade. Pode-se utilizar o poema Salvas 289 juntamente com outros textos verbais e não-verbais, regionais, nacionais e/ou internacionais.

### **Salvas 7**

Os Estados Unidos  
Pretendem cobrar impostos  
Sobre o Café brasileiro

(Dos jornaes)

Nossos amigos yankes  
Querem tascar o café.  
E tu, Brasil, não espanques  
O Ti Sam de má fé.

Salvador (18/03/1909)

O Diário

**Salvas 12**

Ainda não está de todo  
Conjurado o perigo  
Do governo americano  
Lançar um imposto sobre  
O café brasileiro

( dos jornaes)

Tio Sam inda vacilla...  
Sobre o imposto o que há?  
Nisto não se cochila,  
Suba o café, desça o chá.

Salvador (24/03/1909)

O Diário

**O Baile da crise**

No grande baile da crise  
Que liquida o fazendeiro  
Dança o rico, dança o pobre,  
Pela falta de dinheiro.

Dança pois o negociante  
De vis- a- vis com o fazendeiro,  
Requebrando o capitalista  
Que aliviou-se de seu dinheiro.

Só não dança o commissão,  
Que fácil ganha o dinheiro,

Assim como este governo,  
Que despreza o fazendeiro.

É também o Santo Papa  
E os frades do Mosteiro  
E assim a padralhada  
Que deveras faz dinheiro.

Há sete annos que dançamos  
Sem descanso poder ter  
E a rapaziada n'um miudinho  
Requebrando semquerer.

Pois a dança d'esta crise  
Já não está p'ra brincadeira  
Alerta toda rapaziada  
Que é grande a quebradeira.

*Um da dança.*

### **Um conselho a lavoura.**

Que o café está sempre em baixa,  
É real tão triste facto,  
Só podendo dar-lhe alta,  
A União do Syndicato.

E por isso o lavrador,  
Ajuizado no seu acto,  
Deve logo sem demora,  
Filiar-se ao Syndicato.

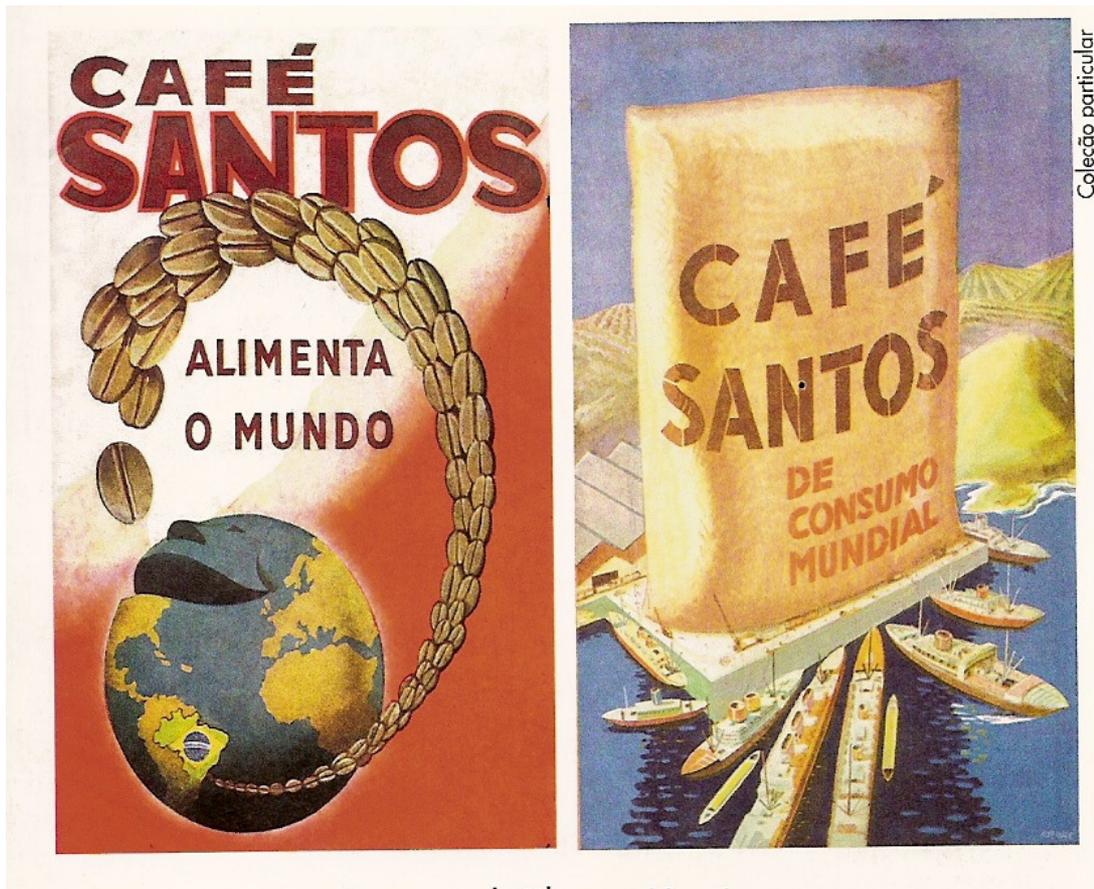
Saibão pois que os baixistas,  
Já fizeram grande pacto,  
Para unidos derribarem,  
O nosso Sindicato.

Se quiserem pois bons preços,  
E não ter cafés no mato,  
Mandem toda sua safra,  
Para o nosso Sindicato.

Que a crise é medonha,  
E' real e mais que exacto,  
Só mostrando a salvação,  
A União do Sindicato.

Todos andão pulando,  
Tão ágil como um gato,  
E só terão descanso,  
No nosso Sindicato.

Agosto de 1903.

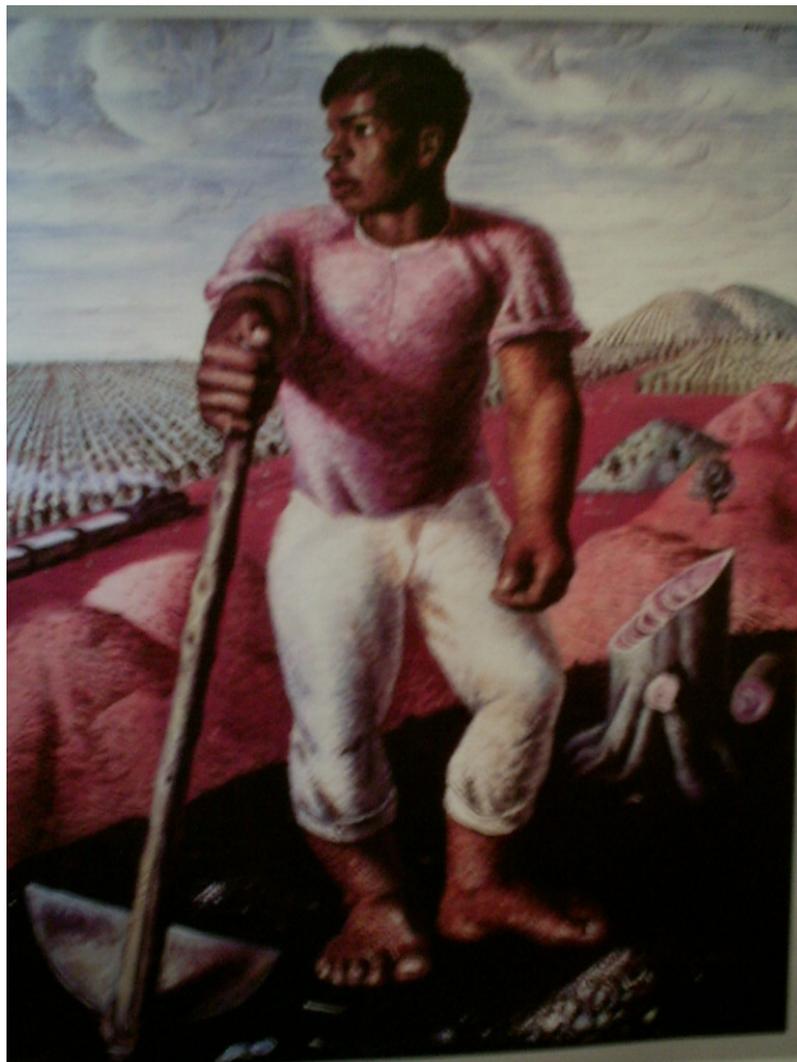


Cartazes de Elmano Henrique



Pintura a óleo sobre tela. 130x195cm

CAFÉ Portinari.



Pintura a óleo sobre tela 100x 81 cm  
“Lavrador de café” Portinari. 1934

### **Seguindo o mesmo caminho**

O que se fez com o poema Salvas 289 do jornal O Diário, pode ser repetido com qualquer outro poema. Considerando a importância do envolvimento com o universo local e regional é interessante estimular o leitor a querer conhecer mais a respeito da sua terra e de sua gente. Por isso sugerimos o trabalho com poemas publicados nos jornais amparenses que estão disponíveis no Departamento de Pesquisa e Extensão do Centro Universitário Amparense, assim como os trabalhos de Iniciação Científica dos Cursos de Letras e Pedagogia.

**O correio já chegou**

O correio já chegou ô ô  
Nem uma cartinha de você...  
Todo o dia a mesma coisa  
E eu de longe, sem saber porque

Longe dos olhos  
Longe do coração  
é o dictado mais certo  
deste mundo de illusão  
Amor.  
Como é triste a minha sorte!  
Só espero agora a morte;  
É tudo que me resta prá consolação

A minha magua  
vem da confiança  
que em você depositava  
minha unica esperança  
Amor  
Já que tudo está perdido  
Sò lhe faço este pedido  
Apaga-me de todo de sua lembrança.

Ary Barroso

**Fascinante**

Quando passou a pallida rainha  
Da beleza, cercada de esplendores,  
Sob seus pés desabrocharam flores,  
Saudando a <<estrella>> que surgindo vinha.

Quanto esplendor o seu olhar continha!  
Quanta graça ideal nesses fulgores,  
Dos seus profundos olhos scismadores,  
Quando passava tímida e sosinha...

Alvorecia a aurora deslumbrante  
Na noite desse olhar avelludado  
Que iluminava o pallido semblante ;

Inspirava esse enlevo do peccado  
Seu andar soberano e triumphante,  
No voluptuoso passo cadenciado !

Jorge Pires de Godoy

### **LONGE**

Quando a immensa saudade, a dor que me tortura  
Punge mais no meu peito ao te ver tão distante. —  
Consolo-me ao lembrar o teu gentil semblante,  
Radioso como um sol que no meu céu fulgura.

Ouçõ tua voz, então, de magica doçura;  
E, vendo o teu olhar de brilho fascinante,  
Venturoso me julgo, embora n'um instante,  
Morra toda a illusão da rapida ventura.

E me sinto feliz, sem ter nenhuma esp'rança  
De beijar, algum dia, em extase de goso,  
Teu labio virginal e a perfumada transa....

Tão triste e tão distante, eu julgo-me ditoso,

Porque do teu amor eu vivo da lembrança,  
Crendo ouvir tua voz de timbre melodioso.

Jorge Pires de Godoy

### **Serra Negra**

#### **A MASHORCA POLITICA**

Afinal reuniu-se a câmara  
Por um modo nunca visto  
Prendendo-se dois suplentes  
Como sendo um só Christo.

Sendo presos já de vespera  
Foram ambos encerrados  
Um em casa do coronel  
Outro em frente, e vigiados.

E sendo um delles sachristão,  
Não poude a missa ajudar  
Obrigando o nosso padre,  
Ter á mesma de faltar.

Vejam pois quantos prejuizos  
Causou este despotismo  
Prejudicando o nosso padre  
E a todo o christianismo.

Todos soffreram com isto  
Até a propria religião  
Pois que todos os devotos  
Faltaram a sua devoção.

Afinal foram levados  
Para a camara escoltados  
Como Jesus, foram ao calvário  
Para serem crucificados...

Lá chegados foram ambos  
Em um quarto encerrados  
Com alértas sentinellas,  
Sempre e sempre vigiados...

Só saíram da prisão  
Para a mesa assentar,  
Ao toque de campainha  
Para a sessão começar.

E sendo aberta a mesma  
Procederam á chamada  
Sendo dada a leitura  
D'uma acta atrasada.

E a mesma posta a votos  
Foi por todos approvada  
Por um acéno de cabeça  
D'essa pobre carneirada.

Reinava grande silencio  
E rostos tristes só se via  
Nos coitados camaristas  
Da sessão do mesmo dia.

E não havendo compromisso  
P'ra os suplentes recrutados  
Somente assignaram a acta  
Dos trabalhos atrasados.

Sendo cinco os camaristas  
Procedeu-se a eleição,  
O presidente votou em si  
Por segura precaução.

Gostei do íntendente  
Em si não querer votar  
Foi correcto, na verdade,  
Com o exemplo que quiz dar.

Nunca vi cousa tão triste  
Parecia um dia de finado  
Nem as falas não se ouviam  
Tudo era segredado.

Pareceu-me cousa antiga  
Já de muita antiguidade  
Quando o Brasil era colônia  
E não tinha liberdade.

Muito e muito censuramos  
Ter havido essa oppressão,  
Queremos pois que o camarista  
Livre tenha a sua opinião.

Julgo ser muito correcto

Sò dizendo aqui a verdade  
E detestando o despotismo  
Filho da perversidade.

Ignacio Tristão da Silveira.

#### **A SANTOS DUMONT**

Neste paiz de eternas pataratas,  
Terra da inércia, terra da apathia,  
Custa bons cobres a diplomacia,  
Mesmo apesar de ser das mais baratas;

Tu, sem nada exigir; tu, sem bravatas;  
Tu, cujo nome ha mez ninguem sabia,  
Pela patria fizeste num só dia  
Mais do que todos esses diplomatas.

Quando, sereno, calmo, sobranceiro,  
Seguro da victoria, ao céu subiste,  
Subiu comtigo o nome brasileiro;

E diga se a verdade, embora triste:  
Só pelos teus balões o mundo inteiro  
Ficou sabendo que o Brasil existe.

Arthur Azevedo.

**Na Brecha****II**

Perdido estamos agora,  
Que já se diz em cochicho  
Entre nós ter-se instalado  
O fatal jogo do bicho.

E do que todos me contam,  
Mas muito, muito em sussurro.  
Concluo que está na ponta  
Dos bichos somente o burro.

Nemo

**SUPREMA VENTURA**

Amar, viver de amor, ambos na idade  
Em que o prado floreja e o sol fulgura,  
Tu vendo em mim tua felicidade,  
Eu vendo em ti minha maior ventura;

Moços os ambos, no ardor da mocidade,  
Amar, viver do amor que sempre dura,  
E nem ter medo a propria sepultura,  
Porque o amor vai além da eternidade;

Duas vidas unirmos n'uma vida,  
N'um só dois corações se entrelaçando,  
A alma de um goso unico vencida,

Eis o meu ideal ... meu sonho brando!

Eis o nosso destino, alma querida!  
Destino que ha de vir ... que vai tardando!

Alberto de OLIVEIRA

### **ESMOLA**

<<Suba!>> gritaram-lhe arrogadamente  
Do alto sumptuosa escadaria;  
E a pobresinha a mão nevada e fria,  
Subindo, estende, e implora sorridente:

<<Esmola para minha Mãe doente  
<<E, pela fome, ás portas da agonia!>>  
uma voz de trovão: <<Rua, vadia:  
<<Vá ver se encontra ocupação decente!>>

Desce, chorando. Lá em baixo, á espera,  
A mendiga que nem subir pudera,  
Beija-lhe a fronte, enxuga o pranto, e sahe...

<<Mamãe, que homem tão máo, esse que humilha  
<<A pobreza infeliz!>>-  
<<Cala-te, filha!  
<<Não fales d' elle nunca! Elle é teu pai!>>

Correa de AZEVEDO.

### **AO PÉ DO TÚMULO**

Eis o descanso eterno...o doce abrigo  
Das almas tristes e despedaçadas.  
Eis o repouso, enfim...e o somno amigo  
Já vem cerrar-me as palpebras caçadas.

Amarguras da terra ! eu me desligo  
Para sempre de vós...almas amadas  
Que soluças por mim, eu vos bemdigo  
O' almas de minh'alma abençoadas!

Quando eu daqui me for, anjos da guarda,  
Quando vier a morte que não tarda  
Roubar-me a vida para nunca mais,  
que soffreu muito e quem amou demais.”

Auta de SOUZA

### **FILHOS DA DÔR**

Pobres dos que se vão pela existencia fora  
Pés a sangrar, olhos em prantos, sobre espinhos  
Em cujo berço não brilhou jamais a aurora  
Que não tiveram mãe, não tiveram carinhos.

Pobres desses tão sós, tão tranquillos, embora  
Velhinhos, a esmolar á beira dos caminhos,  
Em cujo peito eterna, uma saudade mora,  
Saudade, meiga irman do meigos pobresinhos!

Pobres dos que não têm que lhes minore a magua  
 Curvos, faltos de alentos, os olhos rasos d'agua,  
 Resignados na dôr nos martyrios seus ...

Pobres de quem não ha no mundo quem se doe  
 Almas, filhos da Fé, que Deus as abençoe  
 -Que seja tudo pelo amôr de Deus!

A. BOUCHER FILHO

### **NO CAMPO**

Partiu a primavera esplendorosa,  
 Cheia de encantos, cheia de harmonias!...  
 Do quente estio chegaram-aureos dias,  
 E a Natureza brilha luminosa!-

Quanto brilho no sol ! Como na rosa  
 Fulgura a luz ! O' suaves alegrias  
 Que a gente sente ao ver as serranias,  
 A' doce luz da tarde silenciosa

O' céu azul de minha infancia! O' bella  
 Alvorada gentil que eu tanto amava,  
 Surgindo airoso, na azulada umbrella !

Volta a Musa gentil que me inspirava...  
 Que doce encanto em contemplar-aquella  
 Palmeira verde em que o sabiá cantava.

Pires de GODOY.

## **Dia das Bruxa**

*(poema caipira)*

Foi nesses baile que puxa  
As fantasia sem fim,  
Um desses tar “*Halloween*”,  
Qui apareceu uma bruxa,  
Fia do Demo, gorducha,  
Quereno “ralá os rim”.

Eu, de múmia – trinta rolo  
Di faxa, tudo inroscado –,  
Paguei tudo os meu pecado  
Dançano co tar “tijolo”  
Qui mi afroxava os miolo  
C’aquele bejo alongado...

Foi bão? Mai’quê! Foi horrive!  
Berta Pinto do Armistício  
Era o nome do instrupício...  
Naquela noite terrive,  
Curpa da Berta, excrusive,  
Mi arrevistaro por vício!

O “gurila”, o segurança,  
Qui suava feito um bode,  
Disse: “*Aqui, droga num pode!*”.  
I a Berta, incoiemo a pança,  
Mi aderruba o segurança,  
Sobe em cima e si sacode!

Comemo um lanche – X-Frango! –  
Pra caí no arrasta-pé:  
Foi fuzarca! Foi tropé!  
Cum cara de orangotango,  
A Berta dançava tango...  
Nóis tudo dançava axé!

I a cada sarto, a desgraça  
Mi alembrava um canguru:  
– Vermeia feito um peru,  
Dispois di carcá manguaça,  
Baxava i fazia graça...  
Rodava mai’ do que exu!

Era um veneno di cobra!  
Jeitão di bicho-priguiça,  
´Té paricia a Mortiça,  
Num fosse as banha de sopra...  
– Silicone em cada dobra  
Era ponte-levadiça.

Os zóio – dois berimbau –  
Piscava atrais di carinho  
I eu fugia di mansinho  
Daquela cara-de-pau.  
– As perna de pica-pau  
Num corpo di porco-espinho!

Ô feição di lubisome!  
Os seus braço era tar quá

Di um véio tamanduá.  
– Muié mai feia qui a fome!  
O quexo iguar quexo di home  
I um perfume di gambá!

Banzé-di-cuia na certa!  
No agarra-aguarra, no duro,  
Eu mermo passei apuro  
Co aparpa-aparpa da Berta:  
Cada faxa adiscuberta  
Era uma guerra no iscuro...

Eu suava! Ela suava!  
Nesse tarde rala-e-rola  
Onde os casar si aconsola,  
Nóis dois não cunjuminava.  
I dispois eu si alembrava  
Qui a Berta era meia-sola!

Fim da festança imperfeita!  
*“Halloween”*... e as faxa suja  
Di batão da dita cuja  
Qui nunca vai sê dereita,  
Mai cura quarqué maleita  
Co’os dois zoião di curuja!

Marcelo Henrique

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todas as estratégias capazes de aguçar a sensibilidade da criança e do adolescente para a poesia são válidas. É interessante para isso, que a poesia seja frequentemente trabalhada para que ocorra um interesse por ela.

Um dos processos para o educador iniciar esse trabalho é ele fazer uma sondagem para descobrir os temas de maior interesse dos alunos, proporcionando uma maior participação. Este levantamento pode ser de forma direta, através de pequenas fichas ou ouvindo e anotando as temáticas preferidas dos alunos. Outro método é descobrir os filmes, os programas de rádios e de televisão que mais gostam. Isso é necessário para o professor saber que tipo de poesia pode levar para a sala de aula. Vale ressaltar que cada sala tem um gosto diferente. No entanto não pode se prender somente aos temas escolhidos pelos discentes. A variedade e a novidade também são métodos eficazes para a aprendizagem.

Saber a respeito da comunidade onde se vive estimula leituras e pesquisas que proporcionam perspectivas de transformação social. Nesse sentido é válido usar a produção poética amparese para que se entenda melhor a sociedade atual.

Nas aulas de Língua Portuguesa é preciso utilizar o texto, sobretudo o texto literário. A literatura, arte da palavra, dado seu apelo à musicalidade, ao ritmo, desperta o leitor, toca sua sensibilidade e aguça sua curiosidade; ao mesmo tempo em que amplia sua visão de mundo, contribui para sua formação cultural.

Dessa forma, muitas das tentativas não bem sucedidas que hoje se vêem, nas instituições de ensino, cederiam lugar ao gozo maravilhoso do aprender/fazer aprendendo/fazendo. Assim, observa-se que o texto literário torna-se motivo de ludicidade e de motivação para a produção de intertextualidade e de outras formas de criar brincando com palavras e imagens.

A escola deve incentivar a criança a ler e escrever poesias, não para publicar, para ser considerada uma obra a ser exposta para leitores mais exigentes, mas escrever e ler de maneira mais solta, para realizar varais de poesias, saraus, agrupar em pequenas antologias, produzir variados tipos de linguagens, dramatizações, cartazes, mímicas, danças, cantos, colagens. Todos podem escrever poemas, poucos serão poetas talentosos, mas muitos se

alegrarão escrevendo, jogando com as palavras, brincando com os temas, modificando textos já existentes.

Claro que a poesia não é a solução para todos os problemas da escola contemporânea, mas poder-se-ia evitar uma série de outros futuros problemas se a levássemos de forma organizada e planejada para as salas de aula, transformando nossa prática pedagógica em uma ação formadora e significativa.

### BIBLIOGRAFIA

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. *Literatura Infantil: Teoria & Prática*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1986.

FIORIN, J. L. *Linguagem e ideologia*. São Paulo: Ática, 1988.

FRANTZ, Maria Helena Zancan. *O ensino da literatura nas séries iniciais*. 2.ed. Ijuí: Unijui, 1997.

GOLDSTEIN, N. S. *Versos, sons e ritmos*. São Paulo: Ática, 2007.

JOSÉ, Elias. *A poesia pede passagem: um guia para levar a poesia às escolas*. São Paulo: Paulus, 2003.

LAJOLO, Marisa. *Literatura: leitores e leituras*. São Paulo: Moderna, 2001

LIMA, Roberto Pastana Teixeira. *Conto, canto e encanto com minha história... Amparo: Flor da Montanha*. São Paulo: Noovha América, 2006.

MICHELETTI, Guaraciaba (Coord.) *Leitura e Construção do real: o lugar da poesia e da ficção*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001. (coleção aprender e ensinar com textos, v. 4)

MOISÉS, Carlos Felipe. *Poesia não é difícil – Introdução à análise de texto poético*. Porto Alegre: Artes e Ofício, 1996.

PINHEIRO, Helder; BANBERGER, Richard. *Poesia na sala de aula*. 2. ed., João Pessoa: Idéia, 2002.

PROENÇA FILHO, Domício. *Estilos de Época na Literatura*. São Paulo: Editora Linceu, 1973.

ZIBERMAN, R; LAJOLO, M. *A leitura rarefeita*. São Paulo: Ática, 2002.

WOODFORD, Susan. *A arte de ver a arte*. Susan Zahar editores, 1983.